

Uma introdução ao estudo dos arquivos do “Fundo Modesto Carone”¹

Everaldo Rodrigues²

Resumo

Este artigo se debruça sobre alguns documentos de processo do escritor, poeta, crítico literário, ensaísta, tradutor e professor Modesto Carone (1937–2019), mantidos no “Fundo Modesto Carone”, pelo Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). A partir de recortes baseados em três áreas de atuação do titular (seu trabalho como ficcionista, ensaísta e tradutor), busca-se apresentar brevemente os arquivos de Carone como uma nova fonte para os estudos de crítica genética no Brasil, lançar algumas hipóteses interpretativas a partir da análise dos espaços relacionais entre os prototextos selecionados e delinear as práticas de escrita do autor, de modo que possa se estabelecer uma base para a compreensão de suas facetas autorais, assim como das relações entre elas. O objetivo do artigo é revelar o potencial de pesquisa do fundo, com inúmeras possibilidades de estudos, desde a análise do processo de escrita, passando pela intersecção entre crítica genética e tradução, até pesquisas sobre a influência da biografia na escritura, a crítica da crítica e o estudo das correspondências.

Palavras-chave: Crítica genética; Manuscritos; Literatura brasileira; Modesto Carone; CEDAE.

Abstract

This article examines some of the process documents of the writer, poet, literary critic, essayist, translator and professor Modesto Carone (1937–2019), kept in the “Fundo Modesto Carone”, by Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE) of the Instituto de Estudos da Linguagem of the Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). Using selections based on three of the author’s areas of activity (his work as a fiction writer, as an essayist and as a translator), the aim is to briefly present Carone’s archives as a new source for

Revista de
Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 52 • 2024

Submetido:
19/04/2024

Aceito:
13/06/2024

-
- 1 Este artigo decorre de um trabalho de conclusão de curso produzido e defendido para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários no IEL/Unicamp, fruto de uma pesquisa realizada entre março e dezembro de 2023 e orientada pela Prof. Dra. Lúcia Granja. Referência completa: RODRIGUES, E. **Espelho sem fundo: Ensaio genético sobre manuscritos de Modesto Carone**, 2023, 185 p. Monografia (Bacharel em Estudos Literários) Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp), Campinas, 2023. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/15683>>. Acesso em: 18 jun. 2024.
 - 2 Bacharel em Estudos Literários. Mestrando em Teoria e História Literária. <https://orcid.org/0000-0003-2905-251X>. E-mail: everaldorodriguesdasilvajunior@gmail.com.

genetic criticism studies in Brazil, to launch some interpretative hypotheses based on the analysis of the relational spaces between the selected prototexts, and to outline the author's writing practices, so that a basis can be established for understanding his authorial sides, as well as the relationships between them. The goal of the article is to reveal the fund's research potential, with countless possibilities for study, from the analysis of the writing process, through the intersection between genetic criticism and translation, to research into the influence of biography on writing, criticism of criticism, and the study of correspondence.

Keywords: Genetic criticism; manuscripts; Brazilian literature; Modesto Carone; CEDAE.

Introdução

Entre os intelectuais da primeira geração de professores do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), Modesto Carone Netto (1937–2019) era reconhecido pela diversidade de suas atuações no campo das letras. Como ficcionista, publicou cinco livros, sendo dois deles premiados; como poeta, resiste o mistério de uma obra ainda inédita; como professor universitário, atuou nas universidades de Viena, São Paulo e Campinas; como crítico literário e ensaísta, escreveu sobre a poesia de Georg Trakl, João Cabral de Melo Neto, Paul Celan; e, como tradutor, mudou definitivamente a maneira como Franz Kafka era lido no Brasil³, ao se tornar o primeiro tradutor da obra do escritor tcheco do original em alemão para o português. Sua produção intelectual, para a sorte dos pesquisadores e entusiastas da crítica genética, foi quase toda feita à mão, com lápis sobre papel, e preservada por ele. Seus arquivos formam, hoje, o “Fundo Modesto Carone”, parte do acervo do Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE), situado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp).

O fundo, constituído a partir de duas doações (uma em 2012 e outra em 2020, após a morte do titular), compreende seu arquivo pessoal, com aproximadamente 500 documentos manuscritos e datiloscritos e 600 documentos impressos, e toda a sua biblioteca, que conta com mais de 4.000 livros. A maior parte do fundo é formado por “originais da produção literária e das traduções realizadas pelo titular, assim como exemplares editados desses trabalhos”.⁴ Na ocasião da primeira doação dos arquivos de Carone pelo CEDAE, a comissão de avaliação de mérito e importância do fundo, composta pelos professores doutores Alcir Pécora, Francisco Foot Hardman e Antonio Arnoni Prado, concluiu que os documentos possibilitariam “a pesquisadores, professores e estudantes o desenvolvimento de estudos atualizados e inovadores nas áreas dos estudos literários e da tradução”⁵, parecer que foi considerado essencial para a recomendação da incorporação do acervo do intelectual ao CEDAE.

Em seu arquivo, Carone mantinha não apenas os manuscritos de sua produção literária, entre prosa de ficção e poesia, como também os das traduções de boa parte da obra de Franz Kafka. Além disso, entre os papéis, há originais de artigos e críticas, planos de aulas, cópias de artigos sobre seu trabalho, correspondências, documentos pessoais e levantamentos históricos sobre a cidade de Sorocaba, onde ele nasceu e onde se ambientam algumas de suas histórias, como *Resumo de Ana*, romance vencedor do Jabuti de 1999. Todos esses documentos fazem

3 cf. BRITO, E. M. de. **Quando a ficção se confunde com a realidade**: As obras *In der strafkolonie/Na colônia penal* e *Der process/O processo* de Kafka como filtros perceptivos da ditadura civil-militar brasileira. São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008.

4 CEDAE. **Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE)**. Site do centro. Disponível em: <<https://cedae.iel.unicamp.br>>. 2013-2024. Acesso em: 18 jun. 2024.

5 Ibid.

parte do acervo mantido pelo CEDAE e podem ser compreendidos e contemplados dentro do que se entende como o objeto de trabalho da crítica genética, ou seja, os manuscritos de trabalho⁶ ou documentos de processo⁷ que atestam as atividades criativas de Carone.

Este artigo se debruça brevemente sobre alguns dos papéis deixados por Carone e define recortes gerais baseados em três de suas áreas de atuação: ficcionista, ensaísta e tradutor. O objetivo é apresentar o fundo Modesto Carone como uma nova fonte de estudos de crítica genética, lançando algumas bases interpretativas, delineando as práticas de escrita do autor e buscando compreender suas facetas autorais, assim como as relações entre elas.

Os recortes utilizados neste artigo partem de uma tentativa de estabelecer espaços de relações entre documentos, isolando movimentos de escritura dentro do dossiê⁸ com base em interesses particulares do pesquisador. Ou seja, o recorte está ligado à relação objeto/pesquisador estabelecida ao longo da pesquisa inicial, deixando evidente que “os manuscritos não são uma coisa independente da forma como os olhamos; eles adquirem seus contornos sob o nosso olhar, movem-se sob nosso olhar, e não fora dele”.⁹ Enfim, o recorte é dado a partir do processo de leitura, fundado na observação das facetas intelectuais e criativas de Carone.

Modesto Carone ficcionista

O interesse inicial da pesquisa mencionada acima era investigar o processo criativo do autor a partir de seus textos ficcionais, logo, seu foco central foi o prototexto de um conto intitulado “O ponto sensível”, publicado pela primeira vez em 1984, no livro *Dias melhores*, e, depois, incluído na coletânea *Por trás dos vidros*, de 2007. De toda a obra ficcional de Carone, “O ponto sensível” é seu conto mais longo. Dividido em cinco capítulos (ou partes, como chamo a partir daqui), o texto é narrado em 1ª pessoa por um personagem-protagonista que mantém um estranho e violento relacionamento com uma mulher chamada Elisa. Certo dia ela desaparece, e o narrador mergulha ainda mais em um processo de confusão mental psicótica que envolve passeios pelos esgotos da cidade, a interação com ratos, a divisão em um Duplo feito de sujeira, até seu reencontro com Elisa e seu posterior suicídio.

Uma variante manuscrita de “O ponto sensível” (que denominamos OPS-A a partir daqui¹⁰) foi montada a partir da junção de documentos encontrados em duas

6 BIASI, P.-M. de. A Crítica Genética. In.: BERGEZ, D. et. al. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução: Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão: Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1-44.

7 SALLES, C. A. **Crítica genética**: uma (nova) introdução: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2000.

8 PINO, C. A.; ZULAR, R. **Escrever sobre escrever**: uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

9 Ibid., p. 122.

10 Para uma melhor compreensão da constituição das siglas utilizadas no dossiê da pesquisa, recomenda-se uma consulta ao capítulo 3 de RODRIGUES, 2023.

pastas diferentes do “Fundo Modesto Carone”, tomando como base a listagem¹¹ do fundo. A hipótese com a qual trabalhamos partia da aparente posição de centralidade deste conto na obra de Carone. Os indícios que apontavam essa centralidade, *a priori*, eram o já mencionado maior tamanho em relação aos outros contos escritos pelo autor, assim como a complexidade de sua narrativa. Desse modo, a investigação dos documentos de processo do autor buscou as provas materiais que comprovassem ou negassem essa hipótese.

O primeiro indicativo material da importância desse texto dentro do projeto literário de Carone foi inferido a partir da análise do primeiro fólio de OPS-A, uma folha de rosto datiloscrita da reunião de contos que se tornaria o livro *Dias melhores*. Nessa primeira reunião, o título do livro seria “O ponto sensível” (Fig. 1). A data dessa versão, “1980”, serviu como base para a datação do manuscrito OPS-A, que é composto por 37 fólhos, sendo que apenas o último fólio traz inscrições no verso. A variante foi escrita a lápis e a maioria de seus fólhos foram enumerados pelo *scriptor*, o que facilitou a reunião dos documentos esparsos.

Um exame inicial mostrou que essa variante manuscrita apresentava poucas rasuras, ao menos, em uma quantidade que indicasse um grande trabalho de reescritura, abrindo duas possibilidades interpretativas. A primeira sugere que o *scriptor* iniciava sua escritura apenas após um longo processo de reflexão que não se encontra registrado manualmente nesse arquivo. Essa tendência pode ser apontada a partir da continuidade do traçado inicial não só do manuscrito, mas das partes, ou subcapítulos, do prototexto.

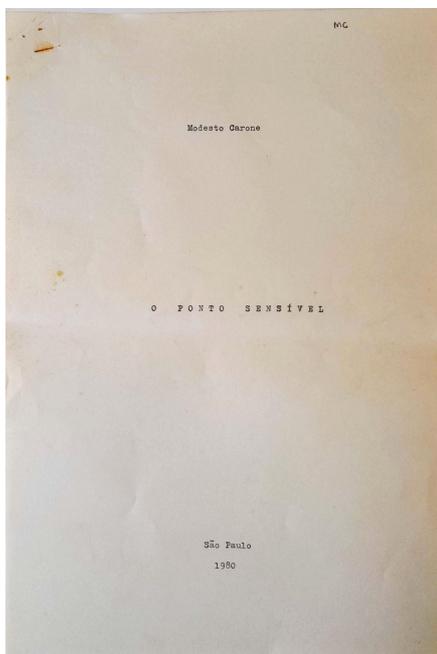


Fig. 1. OPS-A, fº 1 - Folha de rosto da coletânea de contos que viria a ser o livro *Dias melhores*. Em 1980, Carone reunia esses textos sob o título *O ponto sensível*.

Fonte: “Fundo Modesto Carone”, CEDAE.

¹¹ LISTAGEM. **Fundo Modesto Carone - Listagem**. Elaborada por Cleonice Aparecida Moreira e revisada por Lígia Belém, 2020. Disponível em: <https://cedae.iel.unicamp.br/fundos/MC_Listagem.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

Essa hipótese não sugere, evidentemente, um processo totalmente “limpo”, visto que não é possível ignorar o caráter de profunda tensão contida na escritura, não apenas entre o *scriptor* e seu lado leitor, mas também entre o que é planejado e o que é executado, uma tensão entre o olho que lê e a mão que (re)escreve, na qual há toda uma intersecção entre textos que são perdidos, criados e recriados.¹² Dentro dessa dinâmica está o fato de que, mesmo que o autor planeje, o ato da escrita afetará os planos pela ação do seu inconsciente:

*O estudo dos manuscritos confirma a impossibilidade do escritor em prever o que fará, apesar das anotações de ordem e dos planos. Que seja antes ou depois de tal momento de escritura, o escritor se sente ultrapassado, para não dizer desamparado, e não pode manter uma posição definida de antemão. O inesperado o surpreende a cada rasura.*¹³

Planejamento, nesse sentido, refere-se tanto ao que o autor elabora mentalmente, quanto àquilo que elabora manualmente, ou seja, as listas, os cadernos de anotações, os planos de escritura e mesmo as indicações direcionadas a si mesmo. Isso está profundamente ligado ao problema teórico que os manuscritos nos oferecem, ou seja, da “escrita como um lugar de pulsão e de cálculo”.¹⁴ Em relação a OPS-A, é visível o aparecimento crescente das rasuras ao longo do processo de cada parte, o que indicaria, “se não uma abertura do planejamento ao pulsional, ao menos um esgotamento daquilo que outrora se imaginou definido mentalmente”.¹⁵ A esse texto imaginado, conjunto de pulsões e desejos que, ativos na mente do artista, se entrelaçam e levam ao incômodo, Philippe Willemart chamou de “primeiro texto”¹⁶ e, sobre seu conteúdo, sequer podemos conjecturar, uma vez que não é possível acessar a mente do escritor, nem mesmo através de seus manuscritos. É possível, no entanto, notar as tendências de Carone ao aproveitamento total da página em seu espaço horizontal, à preservação dos versos dos fólhos e à rasura mínima e detalhista.

Uma observação do espaço escritural de OPS-A, com seu traçado organizado, de poucas rasuras, apresenta uma tendência à concisão, mas também uma relação paradoxal: apesar de ser o mais longo entre os contos de Carone (em sua última versão publicada, o conto tem vinte páginas), o tom preciso e econômico se sustenta por meio dos parágrafos quase simétricos, pela ausência absoluta de diálogos, pela direção subjetiva da narração. A “construção convulsa que pode indispor o leitor”¹⁷, e que marca basicamente todas as narrativas de Carone, se revela alongada em “O ponto sensível”, como se esse conto, maior e mais elaborado, fosse

12 WILLEMART, P. **Universo da criação literária**: crítica genética, crítica pós-moderna? São Paulo: EDUSP, 1993.

13 Ibid., p. 69.

14 GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética**: Ler os manuscritos modernos. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck; supervisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 23, grifo da autora.

15 RODRIGUES, op. cit., p. 38.

16 WILLEMART, P. Como se constitui a escritura literária? In.: ZULAR, Roberto (org.) **Criação em processo**: Ensaios de crítica genética. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga, Jacira do Nascimento Silva e Wylka Carlos Lima Vidal. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 73–93.

17 ARÊAS, V. A ideia e a forma: A ficção de Modesto Carone. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 49, v. 3, 1997, p. 120. Disponível em: <<https://novosestudos.com.br/produto/edicao-49/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

uma tentativa de prolongar o contato com uma subjetividade em constante transformação e apagamento.

A segunda possibilidade interpretativa, porém, é a de que uma variante anterior do texto foi perdida ou não foi preservada pelo autor e OPS-A é o resultado de uma reescritura, um “passar a limpo”, trabalho comum a escritores que escreviam à mão. Essa hipótese não pode ser eliminada ao se trabalhar com documentos redacionais: devemos considerar que nem tudo é preservado, nem tudo é localizado e é preciso trabalhar com o que se tem em mãos.¹⁸ A partir dessa perspectiva, o recorte ganha contornos mais simples e impede uma reconstrução total do processo, visto que é impossibilitada pela lacuna. Assim, dentro do “Fundo Modesto Carone”, OPS-A se revela como a única versão manuscrita do texto e, também, a mais anterior possível que restou no arquivo do autor.

Durante a leitura de documentos redacionais, o pesquisador busca perceber diferenças, transições e/ou modificações que tais documentos possam carregar.¹⁹ No entanto, se nos deparamos com a existência de apenas um manuscrito com o qual trabalhar (e, além do mais, de um manuscrito que porta poucas rasuras, que aparentemente não revela muitas pistas da gênese da obra,²⁰ como é o caso de OPS-A), podemos ter a impressão de que sua análise será infrutífera, devido à aparente falta de movimentos de escritura perceptíveis.

Cabe ao pesquisador, nesse caso, desconfiar dessa impressão, ainda que ela se baseie em uma verdade absoluta da crítica genética, a de que lidamos com partes, ou índices, do percurso criativo, e não com o processo em si, processo esse que nunca é totalmente transparente e que pode estar repleto de lacunas, de decisões e movimentos que não deixam rastros.²¹ Se “o objeto da crítica genética não é um texto, um material, mas um processo, não aquele pelo qual o escritor passou, mas aquele que o pesquisador construiu a partir dos manuscritos que esse escritor deixou”,²² caracteriza-se então o recorte, assentado no cruzamento entre o que o pesquisador procura e o que ele encontra. Nesse caso, o prototexto será constituído não apenas pelo documento redacional no qual o texto foi depositado, sendo necessário considerar, especialmente no estudo de manuscritos literários, “rascunhos, diários, anotações, enfim, todo suporte material para a escritura verbal”,²³ visto que esses materiais podem revelar métodos e pensamentos que auxiliaram o trabalho do escritor.

Buscar esses cruzamentos é uma forma não apenas de explorar a potencialidade de um acervo documental, mas também “significa encontrar eixos de leitura que

18 HAY, L. **A literatura dos escritores**: questões de crítica genética. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica de Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

19 PINO; ZULAR, op. cit.

20 BIASI, op. cit.

21 SALLES, C. A. **Crítica genética**: Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3ª ed. rev. São Paulo: EDUC, 2008.

22 PINO; ZULAR, op. cit., p. 31.

23 SALLES, op. cit., p. 36.

não se baseiem na linearidade da escritura”.²⁴ Por mais planejado ou caótico que seja, um processo de criação deriva de uma série de mecanismos mentais que não necessariamente funcionam de maneira linear. Recorrendo novamente a Willemart, o conceito de “primeiro texto” reflete justamente essa tensão entre tempos: o tempo da pulsão, o tempo do desejo, o tempo que rege a escritura. Entre o “primeiro texto” e o texto que o manuscrito mostrará ao autor, ou seja, o texto resultante desse processo apenas em partes controlável, há todo um processo que revela um primeiro texto que “se constrói fora do tempo no total desconhecimento do escritor” e um manuscrito que “exige uma pulsão de escrever funcionando e um mergulho no tempo da escritura medido ao preenchimento das páginas”.²⁵ Os vários documentos que compõem um dossiê representam não as correntes de um processo linear, mas sim essas descontinuidades que estão relacionadas não só à definição do recorte, mas a um estudo atento das rasuras, dos movimentos de escritura, das pistas deixadas pelo escritor.²⁶ As descontinuidades se revelam no nível micro, mas também no nível macro, e aquilo que não é localizado pelo pesquisador pode falar pela sua ausência.

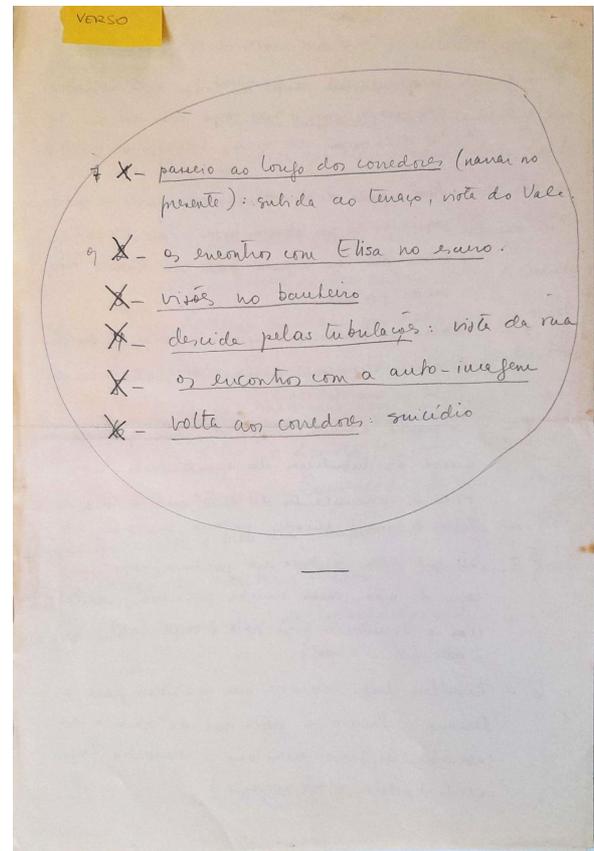
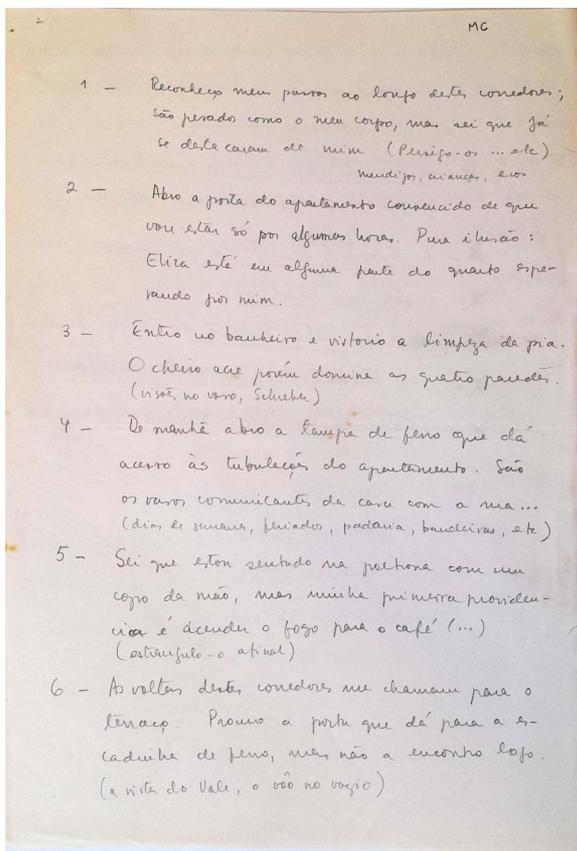


Fig. 2 e 3. AA, f^o 1, frente e verso — Anotações a lápis com tópicos estruturais que provavelmente serviram como guia para a escrita de “O ponto sensível”.

Fonte: “Fundo Modesto Carone”, CEDAE.

24 PINO; ZULAR, op. cit., p. 145.

25 WILLEMART, 1993, p. 81.

26 PINO; ZULAR, op. cit.

Felizmente, a pesquisa no “Fundo Modesto Carone” permitiu a localização de anotações que dialogam diretamente com a escritura de OPS-A, preenchendo algumas lacunas do seu processo. As anotações avulsas (nomeadas “AA”) são compostas por três documentos esparsos, papéis que não estavam na mesma pasta do fundo e que, por isso, não aparentavam ter relação entre si. Neste momento, daremos atenção apenas ao fôlio 1 de AA, papel com escritos frente e verso que pertencia à pasta 5 (junto a vários esboços de contos).²⁷

Nesse fôlio constam tópicos estruturais de “O ponto sensível”, um planejamento de escrita que só encontra paralelo no arquivo de Carone nas anotações para o desenvolvimento do trecho “Ciro”, do romance *Resumo de Ana*.²⁸ Esse é mais um indicativo da centralidade desse conto no projeto artístico do autor: de elaboração mais complexa, a narrativa exigiu um plano de escritura que apresenta temas e diretrizes embrionárias do texto. Na parte frontal do fôlio 1 (fig. 2), seis tópicos enumeram o que seria a sequência dos acontecimentos do conto. Durante o processo de escritura, esses seis tópicos foram convertidos em cinco partes na narrativa. Os tópicos também trazem certo tom narrativo, assemelhando-se a um esboço do conto propriamente dito. Por sua vez, no verso do fôlio (fig. 3), há outra sequência de seis tópicos, que se relacionam diretamente ou modificam sutilmente o que foi apresentado na parte frontal.

Em ambas as faces do fôlio, o *scriptor* dispôs esboços de frases, indicações de inscrição direcionadas ao trabalho de composição, notas de regência²⁹ e referências que guiaram o desenvolvimento da escrita de “O ponto sensível”.³⁰ Podemos citar alguns exemplos:

1) a frase de abertura da narrativa é esboçada em AA (“Reconheço meus passos ao longo destes corredores; são pesados como o meu corpo, mas sei que já se destacaram de mim”), enquanto, em OPS-A, o *scriptor* registra “Ouço meus passos ao longo do corredor, mas sei que eles já se descolaram do meu corpo”, bem próximo da versão do texto publicada em livro;

2) no tópico “2”, tanto na frente quanto no verso do fôlio, aparecem as primeiras referências a Elisa, personagem enigmática cuja natureza “etérea” é esboçada nas

27 Os fôlios 2 e 3 de AA estavam anexados ao conjunto de escritos datiloscritos *As faces do inimigo: pequenas narrativas* (documento encadernado, mantido na pasta 2 do fundo, com data “1991” na folha de rosto). Eles serão examinados e detalhados em um trabalho futuro, mas uma análise parcial do desenvolvimento dos temas no conto “O ponto sensível” pode ser encontrada em RODRIGUES, 2023.

28 As notas estão dentro da pasta 2 do fundo MC, reunidas como “9) Anotações manuscritas (11 p.)” (cf. LISTAGEM, 2020). São cartões em papel verde que demandam um estudo mais aprofundado, o que não cabe neste trabalho.

29 BELLEMIN-NOËL, J. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 4, p. 127–161, 1993. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i4p127-161](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i4p127-161). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177402>. Acesso em: 26 jun. 2024.

30 Uma análise completa desses tópicos estruturais pode ser lida em RODRIGUES, op. cit.

anotações (a personagem “está em alguma parte do quarto” esperando pelo narrador), e desenvolvida tanto em OPS-A quanto na versão publicada, onde Elisa é uma presença que o narrador só vê “de relance, quando as luzes de fora atravessam as dobras da cortina”;³¹

3) no tópico “5” do verso do fólio 1, a anotação “os encontros com a auto-imagem” resume temas presentes em toda a narrativa, como a presença dos duplos e os fenômenos de autoscopia que perturbam o narrador.

Diante desse documento, é possível afirmar que essas anotações guiaram a escrita de “O ponto sensível”. No espaço relacional entre AA e OPS-A, encontramos indícios de um projeto de obra, de uma consciência temática e de uma noção de elaboração do próprio processo. Nos tópicos estruturais de AA, surgem os esboços do texto: frases que serão retrabalhadas, orientações que são aproveitadas ou esquecidas; referências que se perdem na escritura, mas ficam guardadas em sua memória e ecoam subliminarmente. Essa leitura indica, por fim, que mesmo com modificações no decorrer do processo de escritura, na passagem do sumariante para o narrativo, ambos ainda carregam muita correspondência com o que se desenvolve no manuscrito. Os indícios reunidos a partir da leitura desses prototextos reforçam a centralidade de “O ponto sensível” dentro da obra de Modesto Carone.

Modesto Carone ensaísta

A intersecção entre o trabalho de Carone como contista, como professor e como crítico literário podem explicar o convite para que ele escrevesse a apresentação do livro *Boa companhia: contos*, lançado pela Companhia das Letras em 2003, uma antologia com doze contos de escritores e escritoras contemporâneos. O resultado desse convite é “Anotações sobre o conto”, um breve texto que parte de reflexões sobre os gêneros narrativos, passa rapidamente pelas características centrais da forma breve e cita autores que, com seu trabalho, definiram a configuração moderna do conto.

Foram encontradas duas variantes desse texto no “Fundo Modesto Carone”: uma versão manuscrita com um grande número de rasuras (denominada ASC-A) e uma impressão do texto passado a limpo, provavelmente escrito no computador e enviado via fax pela Companhia das Letras para o autor, com pouquíssimas marcações manuais (denominada ASC-C).

31 CARONE, M. *Por trás dos vidros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 129.

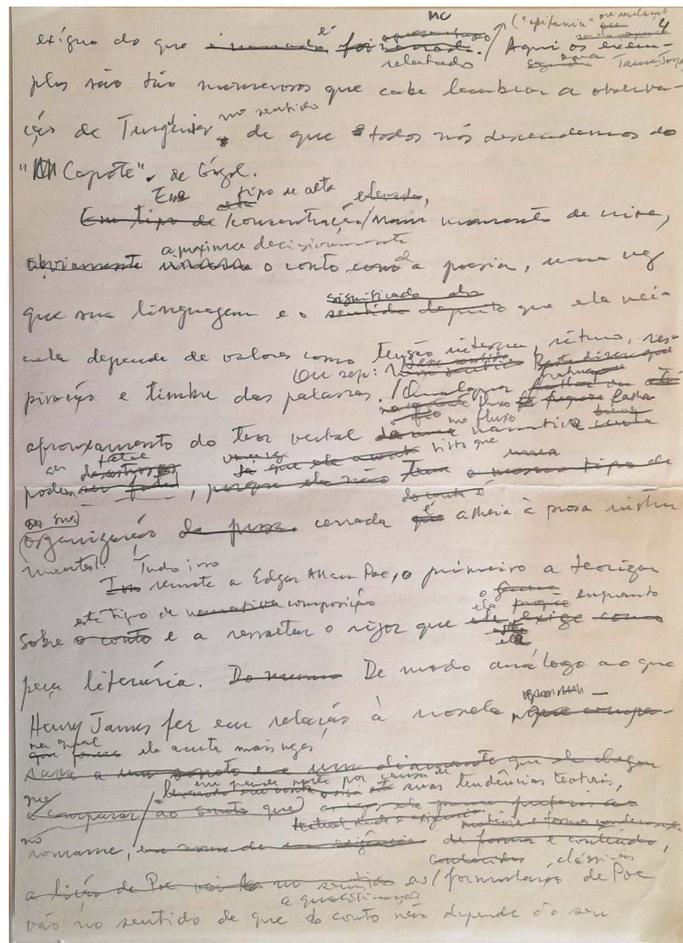


Fig. 4. ASC-A fº 4 - manuscrito de “Anotações sobre o conto”.
 Fonte: “Fundo Modesto Carone”, CEDAE.

Como o texto analisado é um trabalho de não-ficção, uma questão central surgiu: “podemos supor que os mecanismos de criação de um texto de não-ficção são diferentes dos de ficção?”³² Considerando a natureza de seus resultados literários, a resposta talvez seja sim. Pensando, por outro lado, no processo de escritura e no trabalho com os manuscritos, algumas similaridades apontam para a agência de processos mentais não tão distintos. Ainda que se considere que a gênese de um texto de não-ficção seja essencialmente diferente da gênese de um texto de ficção, podemos analisar ASC-A como um exemplo das práticas de escrita de Carone e entender o que o manuscrito nos mostra, uma vez que, visualmente falando, os fólhos de seus escritos não-ficcionais não são diferentes dos fólhos de ficção. As similaridades começam no próprio material: assim como nos textos de ficção, ASC-A foi escrito a lápis, apresenta um aproveitamento horizontal total do espaço da página, assim como uma caligrafia legível, ainda que menos caprichada, especialmente a partir do fólho 2. Além disso, o uso dos espaços entrelinhas para as inserções e alterações permanece. Os fólhos trazem muitas marcas de borracha, ocultando fases do processo.

32 RODRIGUES, op. cit., p. 50.

Em ASC-C, fólio 2 (fig. 6), por sua vez, o trecho é alterado com a inscrição entrelinha, à caneta:

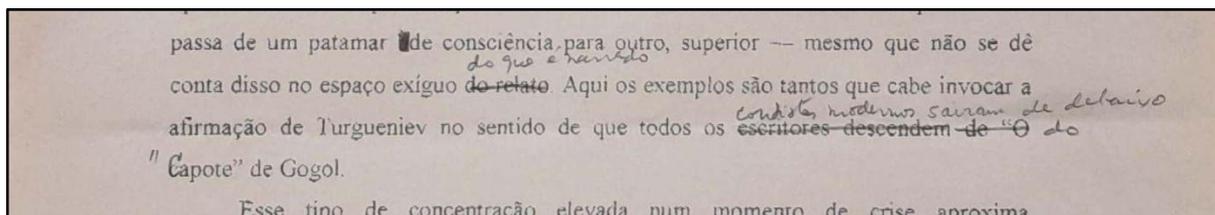


Fig. 6. ASC-C fº 2 - detalhe da alteração à caneta no trecho datiloscrito.

Fonte: “Fundo Modesto Carone”, CEDAE

Dois movimentos são perceptíveis na comparação entre os trechos: no primeiro, o *scriptor* busca um tom mais impessoal, substituindo o trecho “todos nós descendemos”, em algum momento descontinuado, por “todos os escritores descendem de”; no segundo, ele aplica uma metáfora, “sair de debaixo” d’O Capote de Gógol, apresentando “o conceito de descendência ou de influência de uma maneira mais visual, criando um interessante efeito poético”.³⁴ Quando lemos o trecho na versão publicada, “todos os contistas modernos saíram de debaixo do capote de Gogol”,³⁵ notamos que, ao passar a palavra “capote” para caixa baixa, o efeito da metáfora se amplia ainda mais, duplicando sua visualidade.

As descontinuidades identificadas entre ASC-A e ASC-C podem indicar a possibilidade de que, entre as duas variantes, houvesse outra versão, manuscrita ou datiloscrita, com o processo um pouco mais refinado, ou passado a limpo. A suposição pode ser reforçada visto o estado de ASC-A, muito mais cru visualmente, enquanto o texto surge mais limpo em ASC-C, sugerindo um processo de reescrita entre as variantes, que não deixou vestígio documental.

A partir dessa breve análise de um prototexto de não-ficção de Modesto Carone, surgem instigantes perguntas: quais processos redacionais diferenciam *em essência* a gênese de um texto ficcional de um não-ficcional, mesmo quando o espaço gráfico dos manuscritos é tão similar? Como se dá o jogo da intertextualidade nos textos não-ficcionais? Não seriam os fólios de ASC-A um atestado incontestável do caráter intertextual do texto em si, ou seja, de um tecido cheio de “retalhos de textos que existiram ou existem em torno do texto considerado e finalmente nele”,³⁶ ou ainda, como Kristeva define a partir de Bakhtin, como um “mosaico de citações”?³⁷ Ou os mecanismos acionados durante

34 RODRIGUES, op. cit., p. 54.

35 CARONE, M. Anotações sobre o conto. In.: **Boa companhia**: Contos. (Vários autores). São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 9.

36 BARTHES, R. **Inéditos, I: Teoria**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti, São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 275.

37 KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 68.

a escrita seriam outros, diferentes do texto de ficção? E sendo assim, quais sinais desse diferente processo o manuscrito nos dá? Perguntas abertas aguardando novas investigações.

Modesto Carone tradutor

A consagração definitiva de Modesto Carone no campo literário brasileiro se deu com sua tradução de parte da obra de Franz Kafka diretamente do alemão para o português. Entre essas traduções, constam textos que o autor publicou em vida, dois de seus romances (*O processo* e *O castelo*), partes de seu diário e narrativas até então inéditas, que estavam entre os papéis salvos por Max Brod tanto da sentença destrutiva do testamento do amigo, quanto da perseguição nazista aos judeus.³⁸

A pesquisa analisou brevemente os prototextos da tradução do conto “Die Prüfung”, cujo título em português é “A prova”.³⁹ Essa narrativa integra os textos kafkianos que não foram publicados pelo escritor tcheco. A versão manuscrita (aqui tratada como AP-A) é formada por dois fólios manuscritos, escritos à caneta preta, com intervenções à caneta e à lápis. A segunda variante (nomeada AP-C) é um documento impresso, escrito no computador, contando com dois fólios e apenas uma rasura à caneta, no fólio 1. Finalmente, a terceira variante (nomeada AP-C1) é também um documento impresso, cópia do texto publicado no que parece ser um suplemento literário, com uma correção gramatical a lápis.

A diferença mais gritante do documento AP-A em relação aos outros analisados até aqui é o uso da caneta preta. Essa diferença no processo parece indicar que AP-A é uma variante posterior, resultante de uma primeira tradução, talvez mais crua, feita à lápis, processo que representa a grande maioria dos rascunhos manuscritos deixados por Carone. Apesar dessa diferença material, a similaridade dos documentos redacionais de ficção, de tradução e de não-ficção mais aproximam do que afastam os processos criativos empregados neles.

Nesse sentido, o estudo dos prototextos de tradução de Modesto Carone surge como um campo inexplorado e cheio de potencial para os estudiosos da crítica genética da tradução. A intersecção entre a crítica genética e os estudos da tradução se desenvolveu no Brasil a partir dos anos 2010⁴⁰ e, de lá para cá, constituiu um interessante campo de estudos. Para citar apenas um exemplo, menciono o trabalho desenvolvido por Marie-Hélène Paret Passos, que considera a tradução como uma tarefa que envolve criatividade, e não apenas a passagem do texto de

38 BALINT, B. **O último processo de Kafka**: A disputa por um legado literário. Tradução: Rodrigo Breunig, Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2021.

39 No Brasil, o conto faz parte da coletânea *Narrativas do Espólio*, de 2002.

40 CORDINGLEY, A.; MONTINI, C. Estudos genéticos de tradução: uma disciplina emergente. Tradução: Juan Manuel Terenzi. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 39, p. 92–106, 2019. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i39p92-106](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i39p92-106). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177941>. Acesso em: 26 jun. 2024.

uma língua para outra, e que os indícios dessa criatividade poderiam ser encontrados nos manuscritos dos tradutores.⁴¹

O trabalho de Carone como tradutor de Kafka é visto como determinante de uma nova maneira de ler o texto kafkiano.⁴² Em uma entrevista de 1990⁴³, Carone fala sobre sua metodologia para traduzir Kafka e assume a influência que o escritor tcheco teve em sua literatura:

Eu faço e refaço muitas vezes [a tradução], elaboro versões alternativas. Aí volto ao original e cotejo, vejo se não escapou alguma coisa e se é possível encontrar outras soluções. No caso de Kafka há um guia de 2 mil páginas que esclarece problemas filosóficos, escrito especialmente para a obra dele, uma enciclopédia. Outras vezes cotejo com outras traduções — em francês, inglês, italiano e espanhol, que são as línguas às quais tenho acesso.

[...]

Foi a partir de Kafka que passei a produzir um outro tipo de ficção, com a qual eu me identifico: a literatura desapaixonada, de linguagem sem retórica, próxima do relato direto, de uma literatura factual em relação a certas fantasmagorias que fazem parte da realidade contemporânea.⁴⁴

Segundo o relato de Carone, traduzir Kafka passava por um trabalho de elaboração de versões do texto traduzido, apoiado pela consulta de traduções em outros idiomas e no que seria uma enciclopédia sobre Kafka.⁴⁵ Esse era seu material base, além do texto em si, para realizar a tradução. Seria, enfim, no paralelo com a crítica genética, seu “dossiê”. Na mesma entrevista, ele destaca seu interesse em “recuperar o estilo do Kafka, aquilo que chamamos a linguagem protocolar de Kafka”.⁴⁶ No entanto, ao confrontarmos as declarações do autor com o material que se encontra disponível no CEDAE, notamos “uma discrepância entre o discurso do autor e a prática revelada pelos prototextos”:⁴⁷ grande parte dos manuscritos de tradução consultados são semelhantes aos prototextos AP-A e AP-C, ou seja, com poucas ou apenas uma variante inicial, seguida de uma variante

41 cf. PASSOS, M.-H. P. Crítica Genética e tradução literária: uma interdisciplinaridade. In.: PINO, C. A. (org.) **Criação em debate**. São Paulo: Humanitas, 2007, p.255-268; e PASSOS, M.-H. P. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel García Márquez *Memória de Minhas Putas Tristes*. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 14, p. 127-131, 2006. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i14p127-131](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i14p127-131). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177593>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

42 BRITO, 2008.

43 PINHEIRO, S. O ofício criativo da tradução. **Revista Leia**, dez. 1990, p. 31-33. Consultada no Fundo Modesto Carone, cf. LISTAGEM, 2020.

44 Ibidem, p. 33.

45 Não fica claro se essa “enciclopédia” é uma publicação estrangeira ou um dossiê escrito pelo próprio Carone. Uma análise de sua biblioteca, doada ao CEDAE, seria uma boa forma de iniciar uma investigação para localizar tal material.

46 PINHEIRO, op. cit., p. 32.

47 RODRIGUES, op. cit.

impressa. Tal fato pode indicar o descarte ou a perda de documentos redacionais, o que compromete, em partes, a reconstituição dos processos. Entre as traduções das narrativas curtas de Kafka, o prototexto AP-A é um dos mais interessantes justamente pela quantidade de rasuras que apresenta, indicando um laborioso processo de tradução (fig. 7).

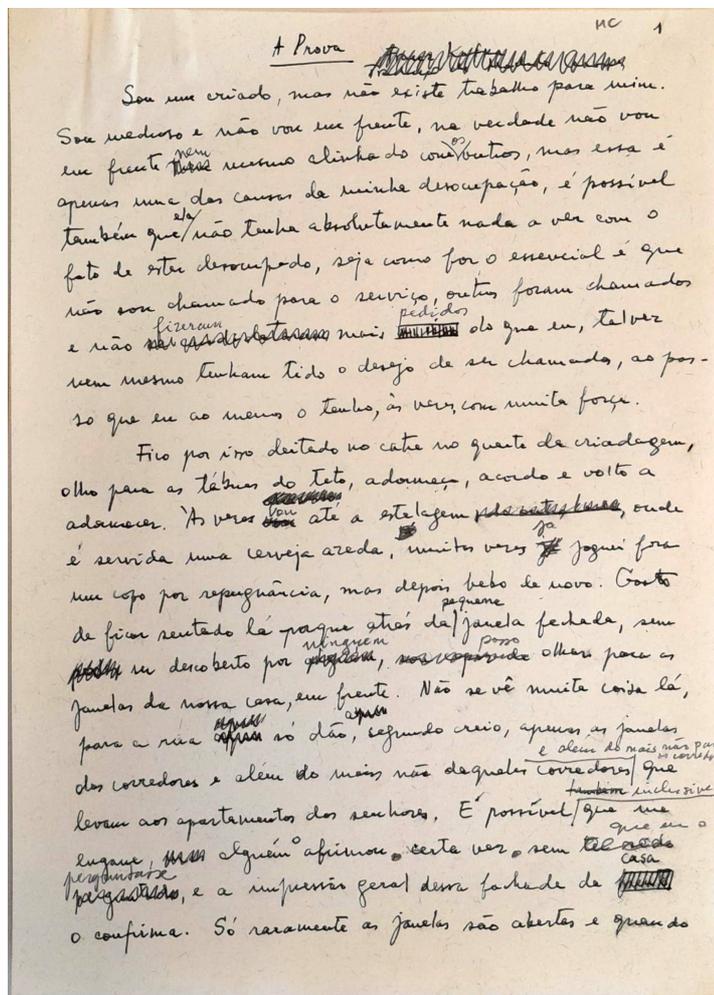


Fig. 7. AP-A, f.º 1 - Tradução de “Die Prüfung”, de Franz Kafka.
Fonte: “Fundo Modesto Carone”, CEDAE.

O que o manuscrito nos mostra como prática de escrita de Modesto Carone na tradução? Em AP-A, podemos notar como algumas rasuras indicam cortes relacionados a um refinamento, ato que partiria dessa busca pela concisão kafkiana. Em outros casos, o que as rasuras buscam definir é sua linguagem protocolar. Experimentações nas rasuras indicam a escolha por um léxico quase cerimonioso, formal, que caracteriza aquilo que Carone chama de “linguagem de protocolo, desapaixonada, detalhista”⁴⁸ (linguagem que Carone reproduz ou com a qual dialoga, em certa medida, em sua ficção, como bem observaram alguns estudiosos

48 PINHEIRO, op. cit., p. 32.

de sua obra⁴⁹). Outro traço da intervenção criativa de Carone no conto se relaciona às adequações de diagramação dentro de um padrão editorial brasileiro: enquanto no original os diálogos entre personagens são demarcados por aspas, Carone marca as falas na tradução com o uso do travessão.

A partir das relações entre os movimentos de escritura resumidos, podemos afirmar que os documentos redacionais das traduções de Carone são objetos de estudo interessantíssimos não só para a crítica genética da tradução, mas também para os estudos da tradução, da língua alemã e da obra de Franz Kafka. São manuscritos que suscitam questões sobre como se dão as relações de proximidade e distanciamento em relação ao texto fonte durante o processo tradutório, sobre como as restrições da forma original impactam o trabalho do tradutor, como o contato com outras línguas influencia a tradução do alemão e como se dá a agência do tradutor em outros âmbitos da escrita kafkiana para além da sua linguagem burocrática. Acima de tudo, as relações de influência e contaminação saltam aos olhos, nos fazendo pensar no quanto o trabalho de traduzir um escritor tão importante influenciou a escrita ficcional de Modesto Carone para além do que o autor admitiu.

Considerações finais

Uma análise visual dos documentos reunidos no dossiê nos permite afirmar que Carone trabalhava sob diretrizes muito simples e fixas: escrevia a lápis, simbolizando certa fragilidade das palavras, removíveis, substituíveis com facilidade; tendia ao reaproveitamento do texto escrito a partir do jorro escritural inicial; aproveitava todo o espaço horizontal dos fólhos, respeitando o espaçamento entrelinha, que servirá como espaço de alteração e reescritura; e mantinha a regularidade e a legibilidade da caligrafia, espécie de marca de sua disciplina. Os manuscritos dão testemunho de sua escrita concisa por meios dos cortes, da escolha de palavras, assim como pela precisão do que marca o papel logo na primeira escritura, nas alterações pontuais que mantém o eixo de uma ideia delineada logo nas primeiras frases. Os espaços relacionais entre os manuscritos ficcionais e não-ficcionais destacam a similaridade visual, a busca por uma concisão típica de seus contos, uma proximidade entre gêneros, onde um texto sobre o conto traz metáforas, costura referências, se torna, por si só, peça de intertextualidade. Entre o manuscrito ficcional e o tradutório, por sua vez, observamos a gênese de um trabalho criativo, de uma diretriz tradutória, de um respeito à linguagem protocolar e desapaixonada de Kafka, projeto intelectual de grande sucesso.

O caso de Carone apresenta “condições de enunciabilidade”⁵⁰ determinantes para que possamos entender suas práticas de escrita e considerar seus manuscritos

49 cf. ARÊAS, 1997; DIONÍSIO, R. de C. S.. Transtextualidades: ressonâncias kafkianas em Modesto Carone. *Exagium Revista de Filosofia*, v. 6, n. 6, p. 76–88, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/exagium/article/view/5886>>. Acesso em: 18 jun. 2024; e CANTARINO, E. B. Vigilância e loucura: Um estudo dos contos de Modesto Carone. *Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social*, 28, p. 39-60, 2020. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1695>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

50 PINO; ZULAR, op. cit., p. 42.

como objetos prementes de atenção. Seu arquivo carrega um grande potencial de pesquisa, abrindo uma miríade de possibilidades de estudos de seus manuscritos e rascunhos, desde a análise do processo de escrita ficcional e poética, passando pela intersecção entre crítica genética e tradução, campo que tem muito a ganhar com o estudo de um dos tradutores mais relevantes do Brasil no século XX, até pesquisas que se debruçam sobre a influência da biografia na escritura, sobre a crítica da crítica e sobre o estudo das correspondências.

Suas diversas facetas, seja como professor universitário de literatura, da qual se destaca o conhecimento das formas e dos gêneros literários; seja sua formação como germanista, reconhecida pelo próprio escritor como uma preparação inconsciente para o trabalho de traduzir Kafka;⁵¹ seja, enfim, com sua trajetória como ficcionista premiado, levam a uma percepção muito clara da especificidade e, ao mesmo tempo, da intersecção entre suas várias atividades intelectuais. Em outras palavras, as similaridades entre seus documentos, em comparação com a variedade de suas ocupações, parecem indicar que não só suas atividades, mas também seu arquivo, mantêm intenso diálogo, e é dentro desse diálogo que podemos compreender suas facetas autorais menos como atividades independentes e mais como práticas que se vinculam e se retroalimentam.

Referências

ARÊAS, Vilma. A ideia e a forma: A ficção de Modesto Carone. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 49, v. 3, 1997, p. 119–139. Disponível em: <<https://novosestudos.com.br/produto/edicao-49/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BALINT, Benjamin. **O último processo de Kafka**: A disputa por um legado literário. Tradução: Rodrigo Breunig. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2021.

BARTHES, Roland. **Inéditos, I: Teoria**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BELLEMIN-NOËL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 4, p. 127–161, 1993. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i4p127-161](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i4p127-161). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177402>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BIASI, Pierre-Marc de. A Crítica Genética. In: BERGEZ, Daniel et. al. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão de Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1–44.

BRITO, Eduardo Manoel de. **Quando a ficção se confunde com a realidade**: As obras In der strafkolonie/Na colônia penal e Der process/O processo de

51 BRITO, op. cit.

Kafka como filtros perceptivos da ditadura civil-militar brasileira. São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <<https://spap.fflch.usp.br/node/29>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CANTARINO, Everardo Borges. Vigilância e loucura: Um estudo dos contos de Modesto Carone. **Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social**, 28, 2020, p. 39–60. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1695>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARONE, Modesto. **Por trás dos vidros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARONE, Modesto. Anotações sobre o conto. In.: **Boa companhia: Contos**. (Vários autores). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CEDAE. **Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE)**. 2013-2024. Site do centro. Disponível em: <<https://cedae.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CORDINGLEY, Anthony; MONTINI, Chiara. Estudos de tradução genética: uma disciplina emergente. Tradução: Juan Manuel Terenzi. **Manuscrita: Revista De Crítica Genética**, São Paulo, Brasil, n. 39, p. 92–106, 2019. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i39p92-106](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i39p92-106). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177941>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DIONÍSIO, Rita de Cássia Silva. Transtextualidades: ressonâncias kafkianas em Modesto Carone. **Exagium Revista de Filosofia**, v. 6, n. 6, 2009, p. 76–88. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/exagium/article/view/5886>>. Acesso em: 26 jun. 2024

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética: Ler os manuscritos modernos**. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck; supervisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica de Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LISTAGEM. **Fundo Modesto Carone - Listagem**. Elaborada por Cleonice Aparecida Moreira e revisada por Lígia Belém, 2020. Disponível em: <https://cedae.iel.unicamp.br/fundos/MC_Listagem.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel García Márquez *Memória de Minhas Putas Tristes*. **Manuscrita: Revista De Crítica Genética**, São Paulo, Brasil, n. 14, p. 127–131, 2006. DOI: [10.11606/issn.2596-2477.i14p127-131](https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i14p127-131). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177593>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Crítica Genética e tradução literária: uma interdisciplinaridade. In.: PINO, Claudia Amigo (org.) **Criação em debate**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 255–268.

PINHEIRO, Sônia. O ofício criativo da tradução. **Revista Leia**, dezembro de 1990, p. 31–33. Exemplar físico consultado no Fundo Modesto Carone.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RODRIGUES, Everaldo. **Espelho sem fundo: Ensaio genético sobre manuscritos de Modesto Carone**. 2023, 185 p. Monografia (Bacharel em Estudos Literários) Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp), Campinas, 2023. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/15683>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3ª ed. rev. São Paulo: EDUC, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: uma (nova) introdução: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2000.

WILLEMART, Philippe. Como se constitui a escritura literária? In.: ZULAR, Roberto (org.) **Criação em processo: Ensaios de crítica genética**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga, Jacira do Nascimento Silva e Wylka Carlos Lima Vidal. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 73–93.

WILLEMART, Philippe. **Universo da criação literária: crítica genética, crítica pós-moderna?** São Paulo: EDUSP, 1993.